

“NUNCA FUI, MAS ME DISSERAM”- GEOGRAFIAS IMAGINATIVAS SOBRE A BAIXADA FLUMINENSE A PARTIR DO OLHAR DOS MORADORES DA ZONA SUL CARIOCA

Enderson Alceu Alves Albuquerque¹

Resumo: o presente artigo ambiciona um diálogo com o documentário “Nunca fui, mas me disseram...” no tocante a discussão geográfica suscitada pela obra. Produzido em 2007 pelo estúdio Meigueto+1 de forma independente e experimental, o documentário em questão apresenta relatos de moradores de bairros da Zona Sul carioca sobre a Baixada Fluminense. Passados dez anos da produção do documentário, procuramos expor as visões presentes no discurso dos moradores da Zona sul do Rio de Janeiro a partir de uma reflexão de natureza geográfica. A análise dessa situação aponta para um desconhecimento da Baixada Fluminense em razão da não necessidade de recorrer aos serviços dessa área da Região Metropolitana por parte dos moradores da região carioca e, também por conta disso, a “geografia imaginativa” referente à Baixada Fluminense ser consideravelmente construída pela mídia, a qual recorre, sabidamente, a sensacionalismo para retratar essa região.

Palavras-chave: Baixada Fluminense; Zona Sul Carioca; Geografias Imaginativas.

“I NEVER WAS, BUT THEY TOLD ME” - IMAGINATIVE GEOGRAPHIES ABOUT THE BAIXADA FLUMINENSE FROM THE LOOK OF THE PEOPLE OF THE SOUTH CARIOCA AREA

Abstract: This article aims at a dialogue with the documentary “Never was, but I was told ...” regarding the geographical discussion raised by the production. Produced in 2007 by the Meigueto + 1 studio in an independent and experimental way, the documentary in question presents reports of residents of neighborhoods in the Southern Zone of Rio de Janeiro over the Baixada Fluminense. Thus, ten years after the production of the documentary, we tried to expose visions present in the discourse of the residents of the South Zone of Rio de Janeiro from a reflection of a geographical nature. The analysis of this situation points to a lack of knowledge of the Baixada Fluminense due to the lack of need to resort to the services of this area of the Metropolitan Region by the inhabitants of the region of Rio de Janeiro, and also because of this, the “imaginative geography” referring to the Baixada Fluminense is considerably constructed by the media, which, sensibly, uses sensationalism to portray this region.

Keywords: Baixada Fluminense; South Zone carioca; Imaginative Geographies.

¹ Doutorando em Geografia pelo PPGEU-UERJ. Professor das redes municipais de Mesquita e do Rio de Janeiro. Email: endersonalbuquerque@yahoo.com.br.

"NUNCA FUI, MAS ME DISSERAMOS" - GEOGRAFÍAS IMAGINATIVAS SOBRE LA BAJADA FLUMINENSE A PARTIR DE LA MIRADA DE LOS MORADORES DE LA ZONA SUL CARIOCA

Resume: el presente artículo ambiciona un diálogo con el documental "Nunca fui, pero me dijeron ..." en lo que se refiere a la discusión geográfica planteada por la obra. En el año 2003, el estudio Meigueto + 1 de forma independiente y experimental, el documental en cuestión presenta relatos de moradores de barrios de la Zona Sur carioca sobre la Baixada Fluminense. De esta forma, pasados diez años de la producción del documental, procuramos exponer las visiones presentes en el discurso de los habitantes de la Zona sur de Río de Janeiro a partir de una reflexión de naturaleza geográfica. El análisis de esta situación apunta a un desconocimiento de la Baixada Fluminense en razón de la no necesidad de recurrir a los servicios de esa área de la Región Metropolitana por parte de los habitantes de la región carioca y, también por cuenta de ello, la "geografía imaginativa" referente a la Baixada Fluminense ser considerablemente construida por los medios, la cual recurre, sabidamente, a la sensacionalismo para retratar esa región.

Palabras clave: Baixada Fluminense; Zona Sur Carioca; Geografías Imaginativas.

Introdução

A distância entre o município de Nilópolis, localizado na Baixada Fluminense (BF) onde reside o autor deste artigo e o bairro de Copacabana, símbolo emblemático da cidade do Rio de Janeiro localizado na Zona Sul (ZS), é de apenas 45 km. A distância é superada em cerca de 50 minutos de automóvel por moradores da Baixada Fluminense quando é preciso consumir produtos e serviços não existentes na periferia da metrópole fluminense. Contudo, se na direção do túnel André Rebouças para a Zona Sul os moradores da Baixada Fluminense necessitam de menos de uma hora para concluir o itinerário, e como as necessidades mais imediatas dos habitantes da Zona Sul são supridas com o setor terciário local, o percurso inverso parece ser infinitamente maior. A distância socioeconômica acaba por superdimensionar a distância geográfica entre as distintas regiões.

Devido a essas distâncias física e simbólica, o imaginário referente à Baixada Fluminense entre os moradores da ZS carioca é mediado, em grande medida, pela mídia e pela opinião de outras pessoas. Dessa maneira, essas opiniões são escassas de empirismo e se alicerçam em "achismos" dos mais variados. Quando perguntados a respeito das opiniões sobre a Baixada Fluminense, na maioria das vezes, a classe média e alta carioca

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram"- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

da ZS responde: “Nunca fui, mas me disseram”, título do documentário com o qual dialogaremos².

Conforme preconiza sua sinopse, o documentário aborda estereótipos espaciais “mas sem a pretensão de responder ou esclarecer algo, apenas discutir a origem do estigma”. Com efeito, a produção cinematográfica apenas incita um debate e, por esse motivo, não pretende ultrapassar as visões estereotipadas. Rocha (2014, p. 51) lembra que

os jogos de representação, nos induzem a pensar em duas questões: quem representa; e como representa? Tais questionamentos ajudam a decodificar essa geografia política da representação, por induzir, além das leituras dos novos sentidos e imagens para a Baixada, permitir visualizar os agentes envolvidos nesta produção representacional, que reafirma uma lógica de apropriação deste território.

Afinado a essa proposição, o artigo em questão se insere e se justifica, ambicionando, como questão central, analisar por “quem” e “como” a Baixada Fluminense é representada no referido audiovisual. O documentário em questão, tal qual o nome indica, tem um compromisso maior em retratar a realidade. Em contrapartida, por ter uma origem ficcional, os filmes não têm, em princípio, esse compromisso e, desse modo, se valem mais comumente de caricaturas para retratar um espaço. Assim sendo, mais do que uma questão narrativa e estética, a distinção entre o documentário e o filme, nesse aspecto, suscita uma diferença de natureza ética. Enquanto o filme permite ao diretor a liberdade interpretativa, ao documentarista cabe tão somente a reprodução dos fatos e, dessa forma, os argumentos devem ser apresentados sem sua interferência. Por essa razão, o telespectador aceita como verdade as narrativas ali contidas. Isso explica o fato de ter sido a linguagem cinematográfica do documentário a escolhida para suporte teórico deste artigo.

Em que pese às ponderações acima, não se pode afirmar que um documentário esteja totalmente isento de ficção. No caso específico da produção considerada por este artigo, as opiniões expressas pelos entrevistados podem não corresponder fielmente ao que

² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=E8sUcveY6XA>

eles pensam. O fato de suas visões serem gravadas e posteriormente apresentadas para um número indefinido de pessoas, pode alterar as palavras escolhidas e as opiniões manifestadas. Todavia, se tal “ficção” tiver existido, ela foi construída de forma autônoma pelo entrevistado. É justamente por esse aspecto que as falas dos moradores da ZS registradas no documentário ganham relevância. Mesmo que as câmeras eventualmente tenham impelido maior prudência aos argumentos, ainda assim foram registradas opiniões preconceituosas.

Para refletir sobre tais opiniões, estruturamos o artigo em três partes. Na primeira procuramos contextualizar a Baixada Fluminense enquanto na segunda parte discutiremos a realidade socioeconômica da Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Alicerçada sobre o conceito de “geografia imaginativa”, a terceira parte do artigo se presta a um diálogo com o documentário supracitado. Nosso intuito é problematizar as visões dos moradores entrevistados objetivando uma revisão sobre a Baixada Fluminense que supere o imaginário coletivo. O recorte temporal para essa análise compreende 2007, ano de produção do documentário, até 2017, ano de elaboração do artigo.

Da acepção geomorfológica a concepção socioeconômica: delimitando a Baixada Fluminense.

Oliveira (2004) apresenta três delimitações territoriais para essa região. Conforme o autor, a primeira foi elaborada na década de 1930 por Hildebrando Góes (1934), engenheiro responsável pela Segunda Comissão Federal de saneamento da Baixada Fluminense. Enfatizando as características hidrográficas para estabelecer sua delimitação, Góes considerou a baixada fluminense geomorfologicamente como um domínio natural compreendendo a porção territorial que se estende do município de Mangaratiba até Campos dos Goytacazes. Góes a subdividiu em baixada de Goitacazes, baixada de Araruama, baixada de Sepetiba e baixada da Guanabara.

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

A região proposta por Geiger e Santos (1955), considerou a “relação existente entre a sociedade e o espaço natural, dando ênfase às relações econômicas que predominavam em determinadas localidades” (MAGALHÃES, *et al.*, 2013, p. 13) para erigir sua delimitação, subdividindo-a em quatro regiões: Campos; Lagoas, Central da Baixada e Guanabara. Desse modo, como a “baixada fluminense” físico-natural e a “Baixada Fluminense” socioeconômica, em alguma medida se entrelaçam, as regionalizações de Hildebrando Góes e Pedro Geiger e Ruth Santos, constituem-se como as primeiras delimitações referente à região supracitada. Hodiernamente a concepção de Baixada Fluminense extrapola a acepção meramente geomorfológica, de modo que “o aspecto natural passou a ser associado com os elementos políticos, sociais e econômicos, apresentando construções distintas” (OLIVEIRA, 2004, p. 24). Em consonância a esta premissa, a segunda delimitação de Baixada Fluminense, engendrada por Beloch (1986), acentua as questões políticas para sua construção. Por essa regionalização, apenas os municípios com estreitas ligações com a cidade do Rio de Janeiro seriam pertencentes à Baixada Fluminense.

Para Beloch, a Baixada Fluminense compreenderia apenas as porções territoriais advindas da chamada Grande Iguaçu do século XX – compreendendo também o distrito de Inhomirim atualmente pertencente à Magé. Nesse caso, sua delimitação pauta-se em atributos geohistóricos. Contudo, como as bacias hidrográficas se estabelecem por meio das leis da natureza e não pelas imposições históricas, a baixada da Guanabara aludida por Góes, não corresponde aos limites territoriais de Baixada Fluminense concebida por Beloch. Os limites da Baixada Fluminense propostos por esse último, abrange partes das baixadas da Guanabara e de Sepetiba da regionalização de Góes. Dessa maneira, a regionalização de Geiger & Santos (1955) ao destacar a associação das características naturais e os atributos econômicos para subdividir toda a extensão da baixada fluminense, encontra alguma proximidade territorial como os limites proposto por Beloch e Góes. Todavia, mais abrangente numericamente que essas delimitações, a terceira conceituação aludida por Oliveira (2004), foi estabelecida pelo Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro (CIDE), órgão oficial do estado, a Baixada

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

Fluminense compreende os municípios registrados na figura 1. A delimitação territorial estabelecida pela CIDE será a considerada para a estruturação deste artigo.

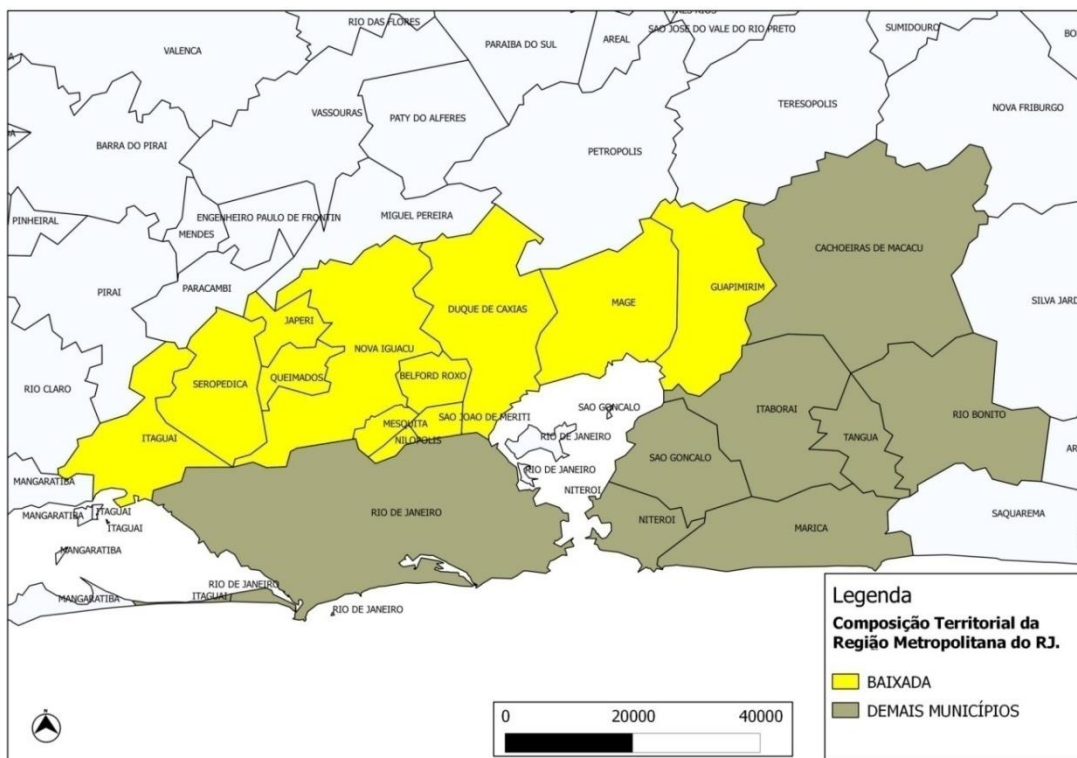


Figura 1- Municípios componentes da Baixada Fluminense.

Fonte: ROCHA, 2014

As “baixadas fluminenses” analisadas por Góes, Geiger e Santos passaram por processos distintos quanto ao seu processo de ocupação, refletindo o papel de seus municípios na conjuntura estadual e nacional. Em razão da proximidade geográfica com o município do Rio de Janeiro, a dinâmica demográfica e econômica Baixada Fluminense está historicamente atrelada à capital. Nesse sentido, a intensificação da ocupação populacional da BF se deveu às políticas públicas que visavam atender, em um primeiro momento, as demandas do núcleo metropolitano que se formava. Esse processo se acentuou com o fim do Império. Nesse período, a econômica brasileira se caracteriza por seu modelo agroexportador. Apostando na vocação agrícola do estado fluminense nesse cenário, Nilo Peçanha instituiu a Primeira Comissão Federal de Saneamento para a Baixada Fluminense em 1910. Devido a sua cota altimétrica, a região é naturalmente

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

propensa à inundação. Contudo, de acordo com Souto (2016, p. 61), essas intervenções não se limitaram às questões econômicas, para a autora,

o objetivo da Comissão era desapropriar, sanear, repartir em pequenas propriedades e vender os terrenos. Desta forma o retorno seria praticamente imediato ao fim das obras, talvez tenha sido esse um dos argumentos utilizados por Nilo Peçanha no convencimento da liberação de verbas para a continuidade dos trabalhos da Comissão. Outra forma de ocupar os espaços dessecados era através da fundação de colônias ou núcleos agrícolas defendidos por Nilo Peçanha na seção colonização de sua mensagem presidencial de 1910.

Além de expandir as áreas de lavouras da Baixada Fluminense e iniciar a “colonização” da região, essas comissões almejavam, também, diminuir os índices de doenças como a malária, que vitimara 10 % dos trabalhadores da primeira comissão de saneamento (SOUTO, 2016). Quanto ao intento governamental de intensificar a ocupação populacional da região já no início do século, esse processo se aguçou somente com a instauração da Segunda Comissão Federal de Saneamento, em 1933. Geiger & Santos (1955, p. 17) assinalam que, “as terras saneadas pelo governo na Baixada, com o objetivo de melhorar as condições da lavoura de abastecimento da capital, foram muito valorizadas pela possibilidade de também serem loteadas”. Em paralelo a esse processo, a prefeitura do Rio de Janeiro passou a elaborar medidas mais restritivas à ocupação do solo, além de aumentar a repressão às favelas, como alude Simões (2007). Desse modo, a partir da década de 1930 houve uma onda loteadora na Baixada Fluminense.

De acordo com Alves (2003), entre 1929 e 1939 o incremento populacional verificado foi pouco expressivo e obtido “mediante a multiplicação de propriedades aptas a lavoura citricultora. Entre os períodos de 1920 a 1940, tem-se um aumento populacional na área rural, decorrente do fluxo de mão-de-obra utilizada, incluindo-se assalariados, meeiros e lavradores” (FIGUEIRÊDO, 2004, p. 15).

Posteriormente, essa dinâmica foi substituída por uma elevação considerável no número de lotes e loteamentos entre 1940 e 1959. Tal movimento ocorreu em virtude do fim do ciclo da laranja, ocasionado pela Segunda Guerra Mundial. Frente a esse quadro, a solução encontrada por partes dos proprietários de fazenda foi fracionar as

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

terras para loteamentos. Esse processo responde pelo crescimento expressivo do número de lotes e loteamento na região nesse período, o qual foi seguido pela diminuição desses números a partir de 1960. A menor oferta de lotes sugere, em alguma medida, o adensamento demográfico da área.

O capital privado, em decorrência do surto industrial pela qual passou a Baixada Fluminense a partir da década de 1950, também atuou para o processo de adensamento populacional da região. Desse período datam a instalação da indústria farmacêutica Bayer em Belford Roxo e da Fábrica Nacional de Motores e da Reduc, ambas em Duque de Caxias (ROCHA, 2009).

A infraestrutura fornecida pelo Estado e a criação de ligação ferroviária com a capital possibilitaram a incorporação de parte da Baixada Fluminense à mancha urbana da cidade do Rio de Janeiro, como apontam, entre outros, Soares (1962) e Abreu (2010). Essa estratégica evidencia que a dinâmica demográfica e econômica da Baixada Fluminense refletiam, em larga medida, as demandas da cidade do Rio de Janeiro já naquele período. Nessa linha de raciocínio, as transformações socioeconômicas promovidas no núcleo, repercutiam na periferia baixadiana.

Pelo exposto, objetivamos enfatizar que a Baixada Fluminense teve seu processo de ocupação populacional atrelada à expansão fundiária e a dinâmica econômica do então Distrito Federal. Mesmo após a transferência da capital do país para Brasília, em 1960 e posterior criação da RM, a BF continuou vinculada à cidade do Rio de Janeiro. Em virtude dessas condições, a região expressa de forma cristalina sua condição periférica no bojo da RMRJ, a qual se expressa no perfil socioeconômico de sua população e, de maneira mais perversa, nas políticas públicas destinadas aos municípios que a compõem. Nessa lógica desigual no contexto da RMRJ, os bairros da Zona Sul carioca representam o avesso dos municípios baixadianos. Desse modo, a parte seguinte deste artigo analisa a realidade socioeconômica dessa região carioca como forma de delimitar o nosso segundo recorte territorial.

Da especulação imobiliária aos cartões postais: Delimitando a Zona Sul carioca.

A ZS carioca é composta pelos bairros Catete, Cosme Velho, Laranjeiras, Flamengo, Botafogo, Urca, Humaitá, Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon, Lagoa, Jardim Botânico, Gávea, São Conrado, Vidigal e Rocinha. Esses 17 bairros somam 633.393 residentes, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 - correspondente a cerca de 10% da população total da cidade do Rio de Janeiro. O processo de ocupação populacional da região ocorreu de maneira mais intensa somente no decorrer do século XX.

A expansão da cidade do Rio de Janeiro em direção a sua área atlântica vinculou-se ao movimento de “modernização” da então capital do país. Por ser a capital da república, a cidade do Rio de Janeiro necessitava ser uma vitrine do Brasil para o mundo e, nesse sentido, era preciso construir um discurso no qual a cidade entrava na era da modernidade, na era “civilizada”. Em virtude de sua preocupação estética, o urbanismo sanitaria executado para esse propósito não considerava a dimensão social da cidade em um contexto mais amplo. A reforma de Pereira Passos a partir do ano de 1903, em prol de um modelo de cidade mais harmônico, para atender as aspirações da elite de criar uma cidade de padrão europeu nos trópicos, expulsou a população de menor *status* social do centro da cidade.

Coadunando a essa dimensão pretendida da cidade, “o discurso higienista e civilizatório encontrava respaldo nos usos e projetos destinados àquela região da cidade [zona sul], que não era vista como o avesso do progresso, mas como o grau zero, ou seja, o lugar fértil para o desenvolvimento dos projetos de progresso e civilidade” (COSTA, 2014, p. 151). Com efeito, embora bairros como Botafogo, Flamengo, Catete e Glória já haviam sido ocupados anteriormente (CARDOSO, 2004), a abertura de túneis e a criação das linhas de bondes, favoreceram o adensamento populacional da região, com destaque para Copacabana, datada no início do século XIX, o qual nasceu como símbolo de *status* social.

Para que a ZS despontasse como lugar “civilizado” da cidade, tão importante quanto à criação material do espaço por meio de infraestrutura, foi sua produção simbólica por meio da elaboração de um discurso minuciosamente tecido pelos atores envolvidos. Dessa maneira, de acordo com Cardoso (2004, p. 8),

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

para que se originasse um novo processo de segregação residencial, foi necessário o surgimento de novos símbolos atribuídos às diferentes áreas da cidade. De um lado, a palavra subúrbio deixou de significar “os arredores da cidade” para ser atribuída aos locais de moradia de classes médias e pouco abastadas, que teriam sido ocupadas pelos trens e que se situavam ao norte da cidade. De outro, surgiu o conceito/símbolo de “zona sul”, referido à área da cidade composta pelos bairros que eram banhados pelo mar, que abrigavam as classes médias e altas da população, as quais tinham um estilo de vida moderno e sofisticado. Além destes dois termos passaram a ser utilizados como verdadeiros “topônimos”, surgiria também outro, o de “zona norte”, identificado com os bairros da cidade habitados por classes médias, distantes do mar e que teriam um “estilo de vida” conservador.

Essa estratégia alterou significativamente a configuração simbólica da cidade, pois “a ocupação dos bairros atlânticos fez com que pouco a pouco a imagem da cidade se dissociasse do passado vinculado às sociabilidades do centro [...] e se deslocasse crescentemente em direção à zona sul e à cultura da vida praiana” (COSTA, 2014, p.154). Nesse sentido, a “invenção da Zona Sul”, termo cunhado por Cardoso (2004), esteve fortemente amparada à construção simbólica desse espaço como lócus de população civilizada, moderna, sofisticada. Em outras palavras, como a cidade é parte de uma mercadoria, a construção de um espaço dito civilizado pretendeu elevar o preço da terra e limitar seu acesso à população de menor poder aquisitivo. Dessa maneira, a zona sul carioca já nasce vinculada à população de elevado *status* social, já surge socioespacialmente segregada.

Os dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010 apontam a característica elitista dessa região da cidade no período atual. O município do Rio de Janeiro é composto por 161 bairros. Entre os 10 bairros cariocas de melhor Índice de Desenvolvimento Humano, 8 estão na Zona Sul. Considerando os 10 bairros de maior esperança de vida ao nascer, 9 são bairros dessa zona, com destaque para a Gávea, na qual esse indicador ultrapassa os 80 anos. Entre aqueles de maior longevidade, 8 são bairros sulistas - os indicadores expostos aparecem expressos na tabela 1, a seguir.

Bairros	População	IDH	Posição
Gávea	17 475	0,970	1º
Leblon	46 670	0,967	2º
Ipanema	46 808	0,962	4º
Lagoa	18 675	0,959	5º
Flamengo	53 268	0,959	6º
Humaitá	15 186	0,959	7º
Laranjeiras	46 381	0,957	9º
Jardim Botânico	19 560	0,957	10º
Copacabana	147 021	0,956	11º
Leme	14 157	0,955	12º
Botafogo	78 259	0,952	13º
Urca	6 750	0,952	13º
Catete	21 724	0,901	26º
Cosme Velho	7 229	0,878	34º
São Conrado	11 155	0,873	38º
Vidigal	13 719	0,873	38º
Rocinha	69 356	0,732	120º

Tabela 1- Dados socioeconômicos dos bairros da Zona Sul considerando sua posição na cidade do Rio de Janeiro

Fontes: Censo Demográfico de 2010, IPP e Armazém de Dados

A ZS historicamente apresenta população de elevada renda. Por extensão, os serviços sediados em seus bairros apresentam melhor qualificação para atender a demanda dessa classe mais abastada. Em razão do elevado *status* social e do fato de ter suas demandas de consumo saciadas em grande medida em um raio curto - alguns bairros da Zona Sul se configurem como subcentros espontâneos nos quais os serviços prestados variam desde os vinculados ao cotidiano até aos mais sofisticados ligados aos tratamentos médicos -, os moradores dessa área não necessitam “consumir” o espaço da Baixada Fluminense, com raras exceções. Em virtude dessa questão, o imaginário relativo aos municípios baixadianos e parte dos bairros limítrofes das Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro, são eivados de representações, conforme aborda o documentário em tela. Debater essas visões, erigindo um contraponto baseado em dados científicos e analíticos, constitui o escopo da parte seguinte deste artigo.

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

Geografias imaginativas, preconceitos reais: a Baixada Fluminense pela ótica da Zona Sul carioca.

De acordo com Driver (2005, p.144), as geografias imaginativas são “representações de lugares que estruturam o entendimento de mundo das pessoas e conseqüentemente ajudam a moldar suas ações”. Sob tal perspectiva, o entendimento de um determinado espaço passa, também, pela construção simbólica que as pessoas fazem desse lugar. Esse entendimento, por sua vez, é amplamente construído a partir do discurso e das imagens associadas aos lugares e reforçadas pela mídia. Assim, discurso e imagem são categorias necessárias para se entender a geografia imaginativa referente à Baixada Fluminense.

A geografia imaginativa se ancora em discursos, os quais têm na palavra sua matéria prima. Contudo, as imagens também corroboram com esse intento, especialmente nos meios midiáticos. A imagem é comumente convertida em signo de verdade para nossa sociedade e, devido a sua condição de portadora da verdade e ao fascínio exercido por ela nas gerações atuais, ela é amplamente adotada pela mídia como forma de reforçar o texto. A figura 2 revela parte dessa construção seletiva de imagens. Pesquisa na internet realizada por meio do site de busca Google em 31/08/2017 reforça os estereótipos das regiões selecionadas. Na consulta relativa à Zona Sul aparece imagens de cartões postais, como o Cristo Redentor e belezas naturais dessa porção carioca, como o relevo, as praias e a baía da Guanabara.

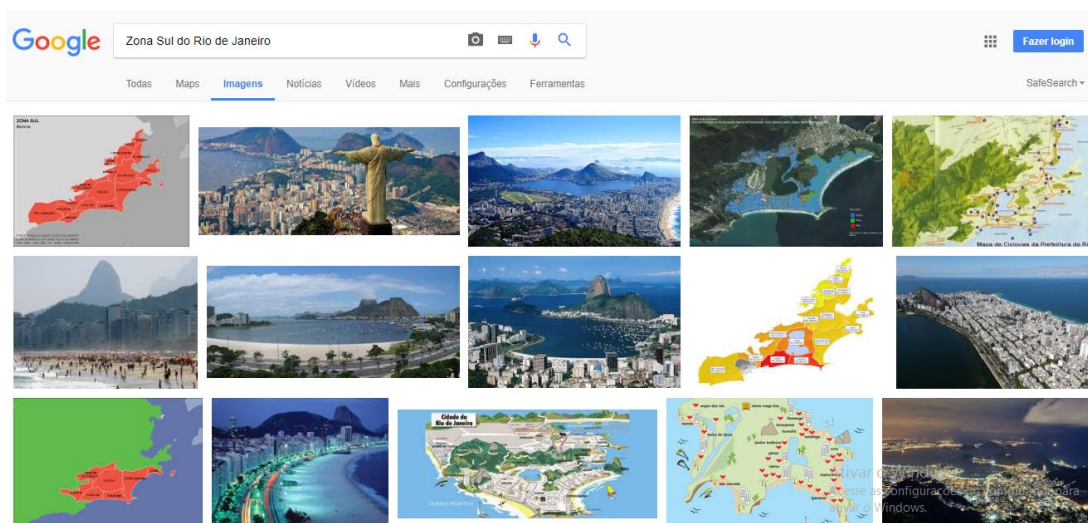


Figura 2- Imagens relacionadas à Zona Sul em pesquisa na internet

Fonte: google.com.br

Na pesquisa sobre a Baixada Fluminense (Figura 3) aparece imagens de rio sem canalização, enchentes, população em momento de lazer, elevado adensamento populacional em desacordo com as normas urbanísticas e ainda uma junção de imagens referentes à citada região sob o lema “As belezas da Baixada Fluminense”. Nesse sentido, a ZS é apresentada visualmente como um espaço de paisagem harmônica, cênica, enquanto a BF é veiculada a partir de sua carência urbanística e de infraestrutura.

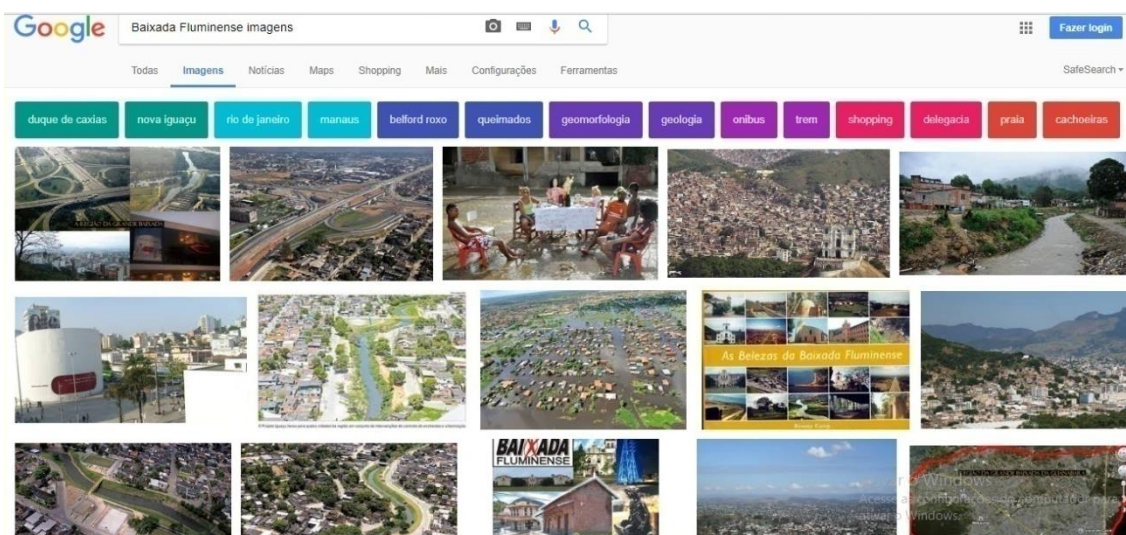


Figura 3- Imagens relacionadas à Baixada Fluminense em pesquisa na internet

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

Fonte: google.com.br

O discurso referente à Baixada Fluminense é reforçado pelas imagens a ela associada, as quais são produzidas, em grande medida, por agentes externos. Com efeito, esses discursos estão eivados de geografia imaginativa. O documentário “Nunca fui, mas me disseram...” apresenta parte dessas visões ao entrevistar moradores da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro a respeito de seus conhecimentos sobre a BF.

No início do documentário foi perguntado a 9 dos entrevistados se eles já foram a BF. Entre eles, somente 4 já tinham ido e desses, uma entrevistada tinha ido apenas uma vez. Quando perguntados sobre o nome de três municípios da referida região, apenas dois souberam citar. Entretanto, comumente ocorrem equívocos geográficos na fala de alguns entrevistados. Os limites jurídicos dos lugares, independentemente da escala considerada, sempre foram um grande problema em relação à percepção das pessoas. Recorrentemente os entrevistados apresentaram dificuldades em definir os municípios que compõem a BF. Apenas dois conseguiram lembrar alguns dos 13 municípios da região. Os demais conseguiram destacar Nova Iguaçu e Duque de Caxias, os maiores municípios da Baixada Fluminense. Algumas vezes Nilópolis foi lembrada, mas quase sempre em razão do aspecto cultural emanado pela Escola de Samba Beija-Flor, sediada na cidade.

Essas confusões geográficas alimentam visões distintas em relação ao núcleo metropolitano e sua periferia baixadiana. Por vezes, alguns entrevistados apontaram localidades cariocas das Zonas Norte e Oeste como integrantes da Baixada Fluminense, como os bairros de Campo Grande, Santa Cruz, Del Castilho, Cascadura, Méier e Marechal Hermes (minuto 2). Para além do equívoco da distinção entre bairro e município, essa imprecisão não se deve apenas à proximidade geográfica desses espaços e sua distância geométrica em relação à Zona Sul carioca, mas, sobretudo, a semelhança social entre esses bairros carioca e os municípios baixadianos.

Tal proximidade socioeconômica e espacial pode ter ajudado a criar no imaginário coletivo de moradores da ZS a ideia de região, pois para Gomes (2010, p. 53), a noção de região está condicionada “a um conjunto de área onde há o domínio de determinadas

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

características que distingue aquela área das demais”. A caracterização da região ao oscilar de acordo com os critérios adotados permite que a concepção dos limites geográficos no imaginário seja construída pela mídia, considerando aspectos socioeconômicos e culturais para sua delimitação. Nesse sentido, os limites jurídico-formais são substituídos em prol de uma divisão pautada pelo conceito de “região homogênea”. Por esse motivo, alguns bairros cariocas foram conurbados à Baixada Fluminense. A esse fenômeno, Alves (2003) conceituou como baixadização de parte da Zona Norte.

A partir do minuto 5 do documentário inicia-se a discussão sobre as notícias vinculadas à BF. Uma entrevistada, em tom irônico, diz que “notícia da Baixada é sempre assim: mataram dois, morreram três e um morreu de susto”. A fala da entrevistada reforça ser a violência o elemento caracterizador dos municípios da Baixada Fluminense. A pseudo-homogeneidade da região é fruto da preguiça analítica dos meios midiáticos por não considerar as especificidades dos municípios que a constituem. A despeito da violência, as informações são noticiadas de modo a enfatizar sua ocorrência na Baixada fluminense, como se essa fosse uma espécie de ente federativo com 2.806.489 km². Para ilustrar essas discrepâncias, do ponto de vista demográfico, Duque de Caxias tem uma população residente de 855.046, segundo o Censo Demográfico de 2010, enquanto Guapimirim tem 51.483 habitantes. Segundo dados do IBGE para o ano de 2012, esses dois municípios também estavam nos extremos no tocante aos dados econômicos. Duque de Caxias detinha o maior PIB da Baixada Fluminense com 26.496.845 (em mil reais), enquanto o menor era o de Guapimirim com 485.269 (em mil reais). Enquanto São João de Meriti apresenta impressionante densidade demográfica de 13.024,56 hab/km², em Guapimirim essa taxa era de 142 hab/km². Esses dados expõem parte da distinção existente entre os municípios baixadianos.

Mesmo a violência, elemento amplamente considerado como caracterizador desse recorte espacial enquanto região, também apresenta consideráveis variações. A tabela abaixo mostra os números absolutos relativos a vítimas de crimes violentos em cada

município da região e sua ocorrência por grupo de 100 mil habitantes em janeiro de 2015.

Municípios	Homicídio doloso		Lesão Corporal Seguida de Morte	Latrocínio (Roubo seguido de morte)	Tentativa de Homicídio	Lesão Corporal Dolosa		Estupro
	Absoluto	Relat.				Absoluto	Relat.	
D. de Caxias	42	4.9	0	2	24	410	43.9	31
Nova Iguaçu	38	4.7	0	1	21	379	47.6	42
Mesquita	4	2.3	0	0	1	53	31.4	7
Nilópolis	2	1.2	0	0	16	85	54.0	6
Seropédica	4	5.1	0	0	1	40	51.1	3
Itaguaí	3	2.7	0	0	12	61	55.9	7
Paracambi	3	6.3	0	0	1	32	67.9	1
Queimados	11	7.9	0	1	6	120	86.9	5
Japeri	5	5.2	0	0	4	63	65.9	4
S.J. de Meriti	20	4.3	0	0	13	272	59.3	15
Magé	12	5.2	0	0	15	140	61.5	9
Guapimirim	2	3.8	0	0	6	25	47.6	2
Bel. Roxo	19	4.0	0	1	31	161	34.3	24
Baixada	165		0	5	151	1.882		154

Tabela 2: vítimas de crimes violentos na 3ª RISP (Janeiro de 2015). Números absolutos e relativos por 100 mil habitantes.

Fonte: Instituto de Segurança Pública, jan-2015. Modificado pelo autor.

Os dados expõem que a Baixada Fluminense totalizou 165 homicídios dolosos apenas em janeiro de 2015. O município de Guapimirim com 2 homicídios, responde por apenas 1,65% desse total, enquanto Duque de Caxias apresentou 42 homicídios (37% do total da região). Entretanto, por ser integrante da mesma região, a percepção de violência para os agentes externos não estipula que o primeiro apresenta índices de violência muito inferior ao segundo, pois a veiculação midiática enfatiza a região como um todo.

Do mesmo modo, das 151 tentativas de homicídios no período na Baixada Fluminense, *ALBUQUERQUE*, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

Paracambi, Mesquita e Seropédica juntas respondem por apenas 3 casos, enquanto Nova Iguaçu sozinha responde por 21 casos. Levando-se em consideração a relação dos homicídios dolosos a cada grupo de 100 mil habitantes, Queimados apresenta uma taxa 6,5 vezes superior a Nilópolis, por exemplo.

A geografia imaginativa que se constrói da região se alicerça em preconceitos totalizantes, dessa forma, não importa se em Paracambi, por exemplo, houve um estupro em Janeiro de 2015, o destacado é que na Baixada Fluminense teve 154 estupros no período. Número assustador que corrobora com o estigma de “região violenta” e que, por tabela insere Paracambi, Guapimirim e Seropédica nesse rol, conforme reportagem citada abaixo reproduzida pelo site de notícias Uol³.

Apesar de ter pouco mais da metade da população da cidade do Rio de Janeiro – 3,6 milhões de pessoas contra 6,3 milhões –, os 13 municípios que compõem a Baixada Fluminense registram juntos 59,1% mais assassinatos que a capital, segundo dados do ISP (Instituto de Segurança Pública). Ao todo, foram cometidos cerca de cinco homicídios dolosos por dia na região em 2014, enquanto no Rio este número cai para cerca de três mortes por dia. Entre janeiro e outubro foram registrados 1.674 homicídios dolosos na Baixada Fluminense.

Não queremos afirmar que os municípios menores demograficamente constituem-se em “paraísos” injustiçados pela mídia, o que pretendemos é mostrar que mesmo a violência não unifica a região, que nem toda a Baixada Fluminense é um roteiro de filme de faroeste estadunidense. Existem especificidades que precisam ser respeitadas e estudadas. Tais exemplos corroboram para enfatizar que os municípios que integram a Baixada Fluminense não são homogêneos em diferentes aspectos. Podemos afirmar que a Baixada Fluminense são muitas do ponto de vista populacional, econômico, político, social e cultural.

A Baixada Fluminense, bem como outras periferias nacionais, não têm exclusividade no tocante à prática da violência. Mesmo notadamente consistindo em um fenômeno urbano e metropolitano, a violência,

qualquer que seja sua intensidade, está presente nos bairros sofisticados e nas favelas, nos bairros de classe média e nos pardieiros, nos campos de

³ Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/12/18/com-metade-da-populacao-baixada-fluminense-tem-60-mais-homicidios-que-rio.htm> (acesso em 19/03/15).

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

futebol de várzea ou no estádio do Morumbi. Ela se estende do centro à periferia da cidade e seus longos braços a tudo e a todos envolvem, criando o que se poderia chamar ironicamente de uma democracia da violência (ODALIA, 1991, p. 9-10).

Embora a violência encontra-se presente em diferentes escalas, suas implicações são distintas quando considerados os espaços nos quais ela se manifesta. A violência praticada em áreas nobres, como é a Zona Sul carioca, tem estreita ligação com atentados contra a propriedade – assaltos a residências, roubos de carros e objetos pessoais de alto valor. Nas áreas periféricas somam-se às formas de violência comuns em áreas de elevado *status* social, as violências praticadas contra a integridade física como os homicídios, por exemplo. Assim, enquanto a violência presente em áreas nobres em regra não objetiva a dominação territorial daquele espaço, a violência em áreas periféricas permitem a transmutação de um ato imposto à integridade física e mental de alguém, em um poder político sobre aquele espaço.

Rocha (2014, p. 31) sustenta que no bojo da Região Metropolitana na qual se insere, além de se diferenciar em razão das práticas dos agentes locais e de sua formação histórica, a Baixada Fluminense apresenta distinções de acordo com “as ações e projetos do Estado na figura dos governos estadual e federal”. Entre as políticas públicas operadas pelo Estado, àquelas relacionadas à segurança pública expõe claramente a distinção estratégica considerando o núcleo metropolitano e sua periferia. A implantação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), iniciada em dezembro de 2008 de acordo com o site oficial do projeto⁴ tem como objetivo

retomar territórios antes dominados por grupos criminosos ostensivamente armados e estabelecer o Estado Democrático de Direito. Devolver à população local a paz e a tranquilidade públicas, necessárias ao exercício e desenvolvimento integral da cidadania. Contribuir para quebrar a lógica de “guerra” existente no Estado do Rio de Janeiro. Permitir a entrada ou a expansão dos serviços públicos e da iniciativa privada, tradicionalmente limitada pela ação do poder paralelo dos grupos criminosos; Aumentar a formalização das atividades econômicas e dos serviços no local, bem como da vida dos moradores em geral, historicamente submetidos a condições de informalidade; Contribuir a uma inserção maior desses territórios e seus

⁴ Disponível em http://www.upprj.com/index.php/as_upps

habitantes no conjunto da cidade, desativando a visão tradicional de ‘cidade partida’ que caracteriza o Rio de Janeiro.

Embora tenha como um dos seus objetivos “quebrar a lógica de ‘guerra’ existente no Estado do Rio de Janeiro”, as UPPs se caracterizam por serem majoritariamente carioca em sua dimensão espacial. Em 2018, das 38 favelas que contavam com a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora, 37 estavam situadas nos limites da cidade do Rio de Janeiro e apenas uma estava instalada em municípios da Baixada Fluminense, a UPP do Complexo da Mangueirinha em Duque de Caxias inaugurada em 07/02/2018. Essa escolha política desigual diminuiu drasticamente os índices de criminalidade nos limites territoriais da cidade do Rio de Janeiro, porém deslocou “mão-de-obra” e armamentos para as favelas da Baixada Fluminense e para os demais municípios metropolitanos, como Niterói e São Gonçalo. Com efeito,

as facções criminosas passaram a entender a Baixada como zona de reestruturação produtiva. Ela serve para abrigar os desabrigados pelas UPPs, manter o trabalhador do tráfico no esquema, mesmo que ganhando menos, mas não é só isto, estimula a introdução de drogas mais baratas, como o crack, em grupos sociais diferentes da clientela da Zona Sul. Torna-se, também, laboratório para reduzir os custos da operação da droga. O radinho (informante que passa mensagens por rádio) no Rio, a 1.200 reais por semana passa a ganhar, na Baixada, 600 ou 400 reais. Porém, a mudança mais significativa, nesta reengenharia, é a necessidade de se delimitar as novas áreas de controle. Os donos destas áreas e suas facções passam a não deixar dúvida quanto ao que acontece com quem não paga, dá vacilo ou trai: a morte (ALVES, 2015, p. 10).

A geografia das UPPs não é o único exemplo da seletividade espacial dos fixos de segurança pública no contexto da RMRJ. A relação numérica entre o número de habitantes e de policias militares responsáveis pelo patrulhamento em determinadas áreas, revela, mais uma vez, a desigualdade no comparativo entre bairros da cidade do Rio de Janeiro e os municípios da Baixada Fluminense, conforme alude o gráfico 1.

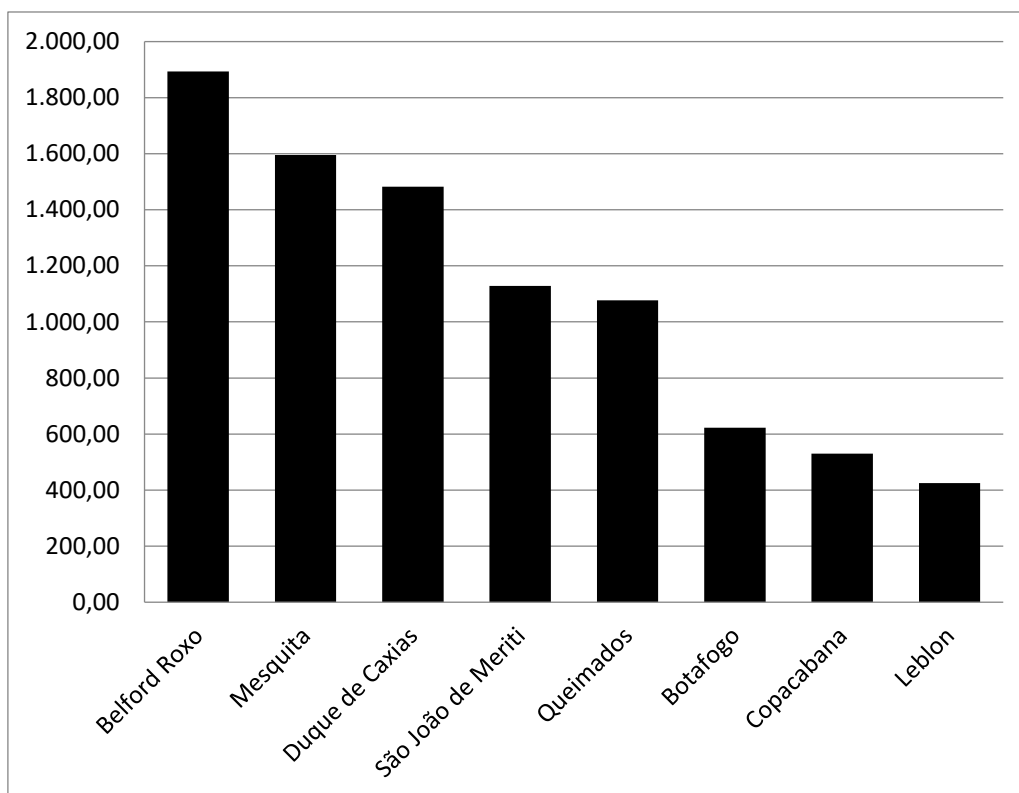


Gráfico 1 – Relação numérica entre o número de policiais militares e habitantes por área de atuação dos batalhões (2014)

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do Jornal Extra de 16/06/2014

Referindo-se à Baixada Fluminense no atual contexto, um entrevistado diz que “hoje em dia tá bem melhor do que 10, 15 anos atrás quando só havia violência” (minuto10). Apesar do reducionismo de entender a BF como território “bárbaro”, a fala do entrevistado expõe a alteração da percepção, ainda que tímida, da visão referente à Baixada Fluminense. Como a opinião pública é construída em grande medida a partir da opinião de quem publica, tal alteração se processou em consonância com o viés analítico da produção midiática sobre a região. Enne (2002), em tese na qual analisa a cobertura de jornais impressos de grande circulação no estado entre 1950 e 2000, apresenta cronologicamente a construção associativa entre a região e a violência. Para a autora, os 1950 inauguraram tal relação, a qual foi consolidada na década seguinte, sobretudo com o auxílio da figura de Tenório Cavalcanti. O ápice dessa associação ocorre em 1970 quando Belford Roxo, então distrito de Nova Iguaçu, foi considerado pela Unesco como *ALBUQUERQUE*, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

o lugar mais violento do mundo. Pautando-se destacadamente em aspectos culturais, a partir da década de 1980 iniciou-se um processo de resistência à violência na região, o qual culminou, na década seguinte, em diversificação das reportagens antes centradas na temática da violência. Ainda de acordo com Enne, as matérias produzidas a partir dos anos 2000 passam a considerar a Baixada Fluminense a partir de olhares múltiplos.

A visão reducionista sobre a BF amplamente empreendida pelos veículos midiáticos analisados por Enne (2002) é apontada pelos entrevistados, os quais entendem que a mídia cria verdades, manipula e produz um discurso de carência em relação à Baixada Fluminense (minuto 9). Porém, os próprios reforçam os estereótipos associados à região ao produzirem frases como “Eles não se incomodam muito com o lugar sujo”; “Eles comem qualquer coisa”; “Tudo o que eles usam eles têm um lugarzinho pra colocar, mas eles não colocam, não. Eles vão jogando onde eles estão” (minuto 18).

O imaginário dos moradores da ZS sobre os “nativos” da BF, como expresso na fala da entrevistada, aparece eivada de estereótipos. A construção dessa narrativa, na acepção de Albuquerque Júnior (2012, p. 13), caracteriza-se como

um discurso assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural. É uma fala arrogante, de quem se considera superior ou está em posição de hegemonia, uma voz segura e autossuficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada de um grupo estranho; esse é dito em poucas palavras, é reduzido a poucas qualidades que são ditas como essenciais. O estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro. Uma fala redutiva e reducionista, em que as diferenças e multiplicidades presentes no outro são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, de uma semelhança sem profundidade. O estereótipo pretende dizer a verdade do outro em poucas linhas e desenhar seu perfil em poucos traços, retirando dele qualquer complexidade, qualquer dissonância, qualquer contradição. O estereótipo lê o outro sempre de uma maneira, de uma forma simplificadora e acrítica, levando a uma imagem e uma verdade do outro que não é passível de discussão ou problematização. O estereótipo constitui e institui uma forma de ver e dizer o outro que dá origem justamente a práticas que o confirmam ou que o veiculam, tornando-o realidade, à medida que é incorporado, subjetivado.

Outras falas refletem a geografia imaginativa dos entrevistados. Ainda no minuto 18, falando sobre suas percepções sobre a Baixada Fluminense, a entrevistada imagina que

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

“Lá deve ter casa e casa com quintal. Deve ter pé de manga”; “A galera deve se divertir bem mais”; “As pessoas são mais alegres devido à infelicidade do desnível social”; “Não têm tantas ambições”. Quanto à dimensão espacial das residências, as casas da Baixada Fluminense, em sua maioria possui quintal. Contudo, esse ganho espacial em seu habitat comprometeu em grande medida o direito à cidade de seus moradores. As amenidades da cidade e os benefícios da proximidade geográfica com o centro da cidade, foram reservados as populações de maior status social. Na periferia, em terrenos mais baratos e por isso mesmo mais amplos, se instalou a população mais pobre. Em razão disso, é preciso lembrar morar em uma favela da Zona Sul carioca apresenta conotação diferente de residir em um “aglomerado subnormal” da Baixada Fluminense, tanto no que se refere ao acesso aos postos de trabalho, quanto no acesso ao consumo de bens e serviços.

Tanto assim que uma entrevista se sente a vontade para caracterizar a BF como local no qual “a rua é cheio de buracos”, onde “não tem esgoto, não tem água, as crianças cheias de dengue” (minuto 17), mesmo sendo ela moradora da favela da Rocinha. Essa favela, a qual por questões geográficas está inserida na Zona Sul carioca, por uma análise socioeconômica poderia ser mais um município da Baixada Fluminense, pois as carências apontadas em sua fala como caracterizadora dos municípios baixadianos, estão em larga medida presentes em seu local de moradia. Nesse caso, são as vantagens provenientes da localização geográfica da favela da Rocinha que garantiriam sua “superioridade” em relação à BF e não necessariamente sua infraestrutura. Saramago (2015, p. 135) lembra que “para poder chegar aonde se quer, tudo depende de onde se esteja”, dessa forma, morar na BF não determina a condição social futura de sua população, mas, inequivocamente, impõe consideráveis entraves à sua ascensão social, pois

peças com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais, ou menos, cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. Enquanto um lugar vem a ser condição de sua pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhe são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhes falta (SANTOS, 2014, p. 107).

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

As restrições impostas a essas populações, as quais eventualmente podem comprometer sua ascensão social, passam a ser interpretadas como “falta de ambição” para as pessoas de renda mais elevada e, a “alegria”, entendida como consequência do desnível social, como argumenta uma entrevistada, sugere no fundo mais uma estratégia de defesa para amenizar a angústia oriunda da disparidade social e não necessariamente uma covardia frente à desigualdade econômica da RMRJ.

“O espaço é simultaneamente imaginário e material e devido a essa condição, toda construção imaginativa (ideologia) é capaz de produzir materialidade. Consequentemente, a visão que se tem de um determinado espaço passa, necessariamente, por uma construção simbólica, a qual geralmente tende a preceder sua observação material”

Quando perguntados se existiriam mundos diferentes ao referi-se à Zona Sul e à Baixada Fluminense, dois entrevistados disseram concordar com a afirmação. Para distinguir os dois espaços, usaram expressões como “aqui as pessoas são mais educadas”; “mais refinadas”; “hábito diferentes, modo de se vestir diferente, lazer diferente”. Um entrevistado ainda insinua a existência de um “raciocínio diferente” (minuto 25), outra advoga que tais distinções seriam frutos de uma “diferenciação regional”. Apesar das inúmeras possibilidades analíticas abrigadas pelo conceito de região, a hipótese de nossos dois recortes territoriais apresentarem diferenças culturais marcantes entre si, como sugere a fala da entrevistada, é altamente questionável. Seria tarefa árdua sustentar a tese da existência de modelos de vidas distintos em localidades tão

próximas e nas quais há um fluxo intenso de capital, de pessoas, de serviços e de informações orientadas, sobretudo, pela malha de integração de transporte. Dessa maneira, a eventual “deselegância discreta” das meninas da Baixada Fluminense, talvez seja fruto não de um gosto duvidoso, mas da impossibilidade de comprar roupas na mesma loja que a “moça do corpo dourado do sol de Ipanema” pode comprar.

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

As distinções apontadas pelos entrevistados não se deve, assim, a um modo de vida diferente. As populações da BF e da ZS são submetidas aos mesmos dilemas, padecem em graus distintos da mesma insegurança que assola as maiores regiões metropolitanas do país. O diferencial existente entre ambas se deve a natureza do consumo, as condições financeiras. Por essa razão, o consumo cultural é condicionado não tanto pelo refinamento do consumidor, mas pelas possibilidades financeiras de cada um para sua aquisição.

No contexto fluminense, a praia é por excelência um local de encontro dos desiguais: dos *playboys*, como pejorativamente são chamados os moradores de maior renda da ZS e dos “farofeiros”, como pejorativamente são chamados os moradores mais pobres do subúrbio carioca e da BF. Mesmo esse local democrático quanto ao acesso, não é necessariamente gratuito para as pessoas que moram longe do litoral. Um morador de Nilópolis, por exemplo, que queira ir à praia de Copacabana usando transporte público, tem duas opções. Pode ir de trem e depois tomar um ônibus ou ainda um ônibus e depois o metrô. Na primeira opção o valor gasto no trajeto de ida e volta é de R\$ 17, na segunda opção R\$ 16,60. Considerando uma família composta por quatro pessoas, somente os gastos de transporte para usufruir de um espaço público como a praia corresponderia à R\$ 68, ou aproximadamente 7% do salário mínimo vigente.

Parte dessa disparidade no acesso aos bens culturais pode ser explicada pela desigualdade de renda entre os moradores da metrópole fluminense. Outra parte, essa ainda mais substancial, se deve às ineficientes políticas culturais públicas. A análise espacial dos equipamentos culturais mantidos pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, indica claramente a geografia desigual da prestação desse tipo de serviço voltado ao lazer, conforme aponta o quadro 1.

Espaço Cultural	Localização
Casa da Marquesa- Museu da Moda Brasileira	Rio de Janeiro- São Cristóvão
Casa de Casimiro de Abreu	Casimiro de Abreu
Casa de Cultura Laura Alvim	Rio de Janeiro- Ipanema
Casa de Euclides da Cunha	Cantagalo
Casa de Oliveira Viana	Niterói

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

Casa Rio	Rio de Janeiro- Botafogo
Escola de Música Villa-Lobos	Rio de Janeiro- Centro
Gabinete de Leitura Guilherme Araújo	Rio de Janeiro- Ipanema
Museu Antônio Parreiras	Niterói
Museu Carmen Miranda	Rio de Janeiro- Flamengo
Museu do Ingá	Niterói
Sala Cecília Meireles	Rio de Janeiro- Lapa
Teatro Armando Gonzaga	Rio de Janeiro- Marechal Hermes
Teatro Arthur Azevedo	Rio de Janeiro- Campo Grande
Teatro Glaucio Gill	Rio de Janeiro- Copacabana
Teatro João Caetano	Rio de Janeiro- Centro
Teatro Mário Lago	Rio de Janeiro- Bangu
Teatro Villa-Lobos	Rio de Janeiro- Copacabana

Quadro 1- Equipamentos públicos geridos pela Funarj de acordo com a localização no Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: www.funarj.gov.br

A Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ) é uma autarquia responsável pela gestão de alguns espaços públicos do governo do estado. A essa fundação compete à gestão de 18 equipamentos públicos entre centros culturais, museus e teatros. Desse total de equipamentos, apenas 2 estão localizados no interior do Estado: um no município de Casimiro de Abreu (Baixadas Litorâneas) e outro em Cantagalo (Região Serrana). Dentre os 16 equipamentos culturais localizados na RMRJ, 13 estão na cidade do Rio de Janeiro e outros três no município de Niterói.

A Baixada Fluminense, mesmo sendo composta por 13 municípios e com uma população superior a 3 milhões de habitantes, não conta atualmente com nenhum equipamento cultural do governo estadual. Em contrapartida, a ZS, nosso outro recorte espacial, com uma população 5 vezes menor que a BF é contemplada com 6 espaços culturais. Já passamos da hora de “construir a linha vermelha da cultura” (minuto 32), como defende um entrevistado do documentário, em referência a via rodoviária que liga a Baixada Fluminense à Zona Sul. Dessa forma, a diferença social da qual o rendimento mensal *per capita* informa no comparativo entre as duas regiões analisadas, explicaria apenas

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

uma divisão social entre seus moradores. A diferenciação no tocante ao consumo de bens culturais se relaciona, também, a uma escolha política.

A presença de espaços culturais privados próximos à população de renda superior se explica pela lógica do mercado, já a concentração desses mesmos espaços culturais de gestão pública nessas áreas, não encontra nenhuma explicação do ponto de vista social que objetive a construção de um Estado menos desigual. Pelo contrário, por essa política o Estado não atua no sentido de minimizar as disparidades, mas as acirra quando dota algumas áreas de equipamentos culturais em detrimento de outras.

Com reflexo dessa política cultural desigual, as notícias da Baixada Fluminense poucas vezes frequenta o caderno de cultura. Como consequência dessa predileção jornalística, quando perguntados sobre referências culturais da Baixada Fluminense, os entrevistados lembraram do grupo musical Cidade Negra, surgido em Belford Roxo, do sambista Neguinho da Beija-Flor, nascido em Nova Iguaçu mas projetado nacionalmente por ser interprete da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, além da Agremiação Carnavalesca Grande Rio, de Duque de Caxias. Essas foram as únicas referências genuínas da Baixada Fluminense corretamente assinaladas pelos entrevistados. As demais referências citadas foram o sambista Zeca Pagodinho, que embora seja associado à Xerém (distrito de Duque de Caxias) em razão de ser proprietário de um sítio na localidade, nasceu em Irajá, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Outros ícones culturais baixadianos erroneamente citados pelos moradores da Zona Sul, foram os jogadores de futebol Ronaldo (nascido no bairro de Bento Ribeiro, Zona Norte), Romário (nascido no bairro de Olaria, Zona Norte) e Ronaldinho Gaúcho, o qual o adjetivo já indica sua origem.

As percepções dos moradores da ZS não autorizam concluir a existência de “dois mundos”, conforme o senso comum faz crer, mas de apenas duas localidades com distintas características socioeconômicas, como lembra a professora Luciana Corrêa do Lago, moradora do bairro do Leblon e uma das entrevistadas do documentário. A intelectual aponta ainda para a existência de heterogeneidade social, mesmo no Leblon, entretanto ela é invisibilizada em prol do lado mais “novelesco” do bairro. Do mesmo

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

modo, e respeitada as devidas proporções, essa constatação se aplica a Baixada Fluminense. Existe população de elevado *status* social em Nova Iguaçu (Caonze) e Duque de Caxias (25 de agosto), indicando um processo similar de heterogeneidade social na Baixada Fluminense. Contudo, como as exceções parecem não ter existência, do mesmo modo que a população de rendimento mais baixo é invisível no Leblon, a população de elevado *status* social da Baixada Fluminense não aparece nos noticiários.

Dessa maneira, podem até existir dois mundos, mas não entre a BF e a ZS e sim dentro dessas áreas. A disparidade de renda não ocorre somente a partir da contraposição das duas, mas também, em seu interior. Há um descompasso em relação às possibilidades de acesso a produtos culturais específicos, mas isso diz respeito ao consumo somente e não a essência cultural em si. Entre essas duas regiões podem-se consumir produtos culturais diferentes, mas isso isoladamente não atesta a existência de uma cultura distinta. Com efeito, pode-se ouvir música clássica na BF, pode-se ouvir pagode na ZS, pois o gosto pessoal atende a critérios muito mais subjetivos que o limite geográfico delimitados pelo legislador possam suspeitar e o preconceito social, comum a parte da elite econômica, pretenda impor

Considerações Finais

O espaço é simultaneamente imaginário e material e devido a essa condição, toda construção imaginativa (ideologia) é capaz de produzir materialidade. Conseqüentemente, a visão que se tem de um determinado espaço passa, necessariamente, por uma construção simbólica, a qual geralmente tende a preceder sua observação material. Essa constatação pode ser considerada a partir dos dois recortes espaciais selecionados neste artigo, pois a visão simbólica referente à BF impede, em algum grau, que os moradores da Zona Sul a frequentem. Nesse sentido, a restrição relativa ao fluxo de pessoas em determinados espaços se converte em um dado real. Em razão disso, essa construção simbólica, a *priori* imaterial, é capaz de produzir materialidades.

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

Toda construção espacial também é antecipada por sua construção imaginária. Antes de conhecer empiricamente um local, criamos expectativas em relação a ele, mediadas por conhecimentos prévios das mais distintas naturezas. Este artigo ambicionou apontar que essas expectativas e visões parecem diametralmente opostas para a Baixada Fluminense e para a Zona Sul. Enquanto a primeira aparece sempre atrelada ao atraso socioeconômico, violência e carências, a segunda é representada como sinônimo de paisagens bonitas e harmonização social.

Nós, moradores da BF, não objetivamos desmentir por completo o imaginário social amplamente aceito. Sabidamente “nosso lugar” apresenta carências de múltiplas naturezas e nesse sentido, nos cabe, também, denunciar essas mazelas. Contudo, as críticas tecidas neste artigo em relação às opiniões de alguns moradores da Zona Sul, não devem ser entendidas como a de uma mãe latina, a qual fala mal do seu filho, mas não permite que outros falem. Críticas devem ser feitas, desde que com argumentos sólidos e, preferencialmente, embasadas empiricamente. Assim sendo, é preciso “revogar as condições que cristalizaram determinadas formas que se mostram em dimensões culturais, políticas, econômicas e espaciais, que criam, na maioria das vezes, uma bruma cinza que impede visualizar tensões e redes de poder que circundam tais questões” (ROCHA, 2014, p. 33- 34).

A empiria permite superar a geografia imaginativa e a afastar a “bruma cinza” que compromete a visão social, como alerta Rocha. Na esteira desse pensamento, como lembra um fragmento da música *Tendo a Lua*, do grupo Os Paralamas do Sucesso: “o céu de Ícaro tem mais poesia que o de Galileu”. Segundo a Mitologia Grega, Ícaro quis conhecer o céu, e para tanto criou asas de cera. À medida que ele as agitava e subia ao firmamento, as asas aqueciam e, mais próximas ao sol, derretiam. Ícaro se machucava a cada tentativa. Já Galileu, astrônomo italiano, com instrumentos telescópicos observava os fenômenos celestes no conforto e segurança que a distância possibilita. Assim sendo, tentar compreender as nuances da Baixada Fluminense à distância, a partir dos noticiários e “do nunca fui, mas me disseram”, embora garanta a segurança de Galileu, jamais vai permitir alcançar a poesia de Ícaro.

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

Referências

- ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 4 ed. Rio de Janeiro: IPP, 2010.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Edições MMM, 2012.
- ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio: Uma História da Violência na Baixada Fluminense*. Duque da Caxias, RJ: APPH-CLIO, 2003.
- _____. *Baixada Fluminense: reconfiguração da violência e impactos sobre a educação*. In: Revista Movimento. Niterói, Faculdade de Educação-Programa de Pós-graduação em Educação, UFF, Ano 2, Nº 3, 2015.
- BELOCH, Israel. *Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart. *Estrutura Urbana e Representações: a invenção da Zona Sul e a construção um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX*. VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (UFF), Niterói, em 2004.
- COSTA, Amanda Danelli. *História e Cultura Urbana Carioca: a natureza turística do Rio de Janeiro entre a cidade das letras e a cidade maravilhosa*. In: Turismo e Território no Brasil e na Itália: novas perspectivas, novos desafios. EdUERJ, 2014. pp. 123-161
- DRIVER, F. *Imaginative Geographies*. In: CLOKE, P.; CRANG, P.; GOODWIN, M. (orgs.). *Introducing Human Geographies*. London: Arnold, 2005.
- ENNE, Ana Lúcia. 2002. *"Lugar meu Amigo, é minha Baixada": memória, representações sociais e identidades*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ.
- FIGUERÊDO. Maria Aparecida de. *Gênese e (re) produção do espaço brasileiro na Baixada Fluminense*. In: *Revista Geo-Paisagem on line* – ano 3, nº 5. Rio de Janeiro, RJ, 2004.
- GEIGER, Pedro Pinchas; SANTOS, Ruth Lyra. *Notas Sobre a Evolução da Ocupação Humana da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: IBGE, 1956. Separata da *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, nº 3- Ano XVI. jul/set. 1955.
- ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram"- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

GÓES, Hildebrando de Araújo. *Relatório apresentado pelo engenheiro chefe da Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: s/ editor, 1934.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *O Conceito de Região e sua Discussão*. In: Castro, Iná Elias de, Gomes, Paulo César da Costa, Corrêa, Roberto Lobato (orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.p 49-73.

LAGO, Luciana Corrêa do. *Desigualdades e Segregação na Metrópole: o Rio de Janeiro em Tempo de Crise*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

MAGALHÃES, Alex Lamonica. *et al. Alma (naque)... da Baixada*. Rio de Janeiro: APPH-CLIO, 2013.

ODALIA, Nilo. *O que é violência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, Rafael da Silva (org). *Baixada Fluminense: Novos estudos e desafios*. [s.l]: Paradigma Editora, 2004.

ROCHA, André Santos. *Baixada Fluminense: representações espaciais e disputas de legitimidades na composição territorial municipal*. 2009, 141p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

_____. *“As representações ideais de um território”*: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense. 2014, 242 p. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. 7° ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Lúcia. *Entre Laranja e Gente: notas preliminares sobre urbanização na Baixada Fluminense (1910/40)*. XVII Enanpur São Paulo, 2017.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *A Cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense*. 1 ed. Mesquita-RJ: Entorno, 2007.

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.

SOARES, Maria Therezinha de Segatas. Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, Ano 24, Nº 2, pp.157-241, Abr-jun. 1962.

SOUTO, Adriana Branco Correia. *As Comissões Federais de Saneamento da Baixada Fluminense (1910/1933)*. 2016. 142 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial). Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2016.

Data de Submissão: 11/11/2017

Data de Avaliação: 21/08/2018

ALBUQUERQUE, Nunca Fui, Mas Me Disseram”- Geografias Imaginativas Sobre A Baixada Fluminense a Partir Do Olhar Dos Moradores Da Zona Sul Carioca.